



LAVOURA ARCAICA: A INTERPENETRAÇÃO ENTRE ARTE E LITERATURA

LUERSEN, Paula Cristina¹; LORETO, Mari Lúcie da Silva².

¹Lic. Artes Visuais (UFPel), emaildapaulacristina@gmail.com; ² Profa. Orientadora, Dra. Literatura Comparada (UFRGS), Instituto de Artes e Design (UFPel), mari_lucie@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

Lavoura Arcaica de Raduan Nassar é uma das obras contemporâneas que explora a poética visual, fazendo com que literatura e artes visuais se aproximem. Esse artigo parte de uma investigação que tem por objetivo explicitar a relação de interferência mútua entre as duas áreas na construção de uma obra única, tendo como base a literatura comparada.

Na modorra das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá do bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida, cobria meu corpo de folhas e, deitado à sombra, eu dormia na postura quieta de uma planta enferma vergada ao peso de um botão vermelho. (NASSAR, 1975, pg. 11)

A cena narrada faz parte da obra Lavoura Arcaica. Nesse trecho, para construir sua narrativa, o autor faz uso de uma metáfora: um homem deitado sob folhas confunde-se com uma rosa arqueada. Essa metáfora, figura de linguagem muito utilizada na literatura, não se estabelece somente na linguagem verbal. O texto oferece uma visualidade que nos permite vislumbrar a cena mentalmente, construí-la como imagem. Usando da metáfora, que tem como sinônimo a palavra “imagem”, o autor promove o diálogo entre linguagem verbal e não-verbal, dissolvendo os limites entre o literário e imagético.

Historicamente, artes visuais e literatura muitas vezes mostraram-se complementares: no século XVII, recomendava-se que poetas contemplassem estátuas e quadros para que pudessem escrever sobre a verdadeira beleza da natureza; no século XIX, Oscar Wilde faz de um retrato eixo principal para uma narrativa literária (O Retrato de Dorian Gray); já no século XX a poesia elabora e redistribui seus elementos gráficos de modo a tornar-se visual. Ao longo dos tempos revezaram-se diferentes concepções definindo o modo e os meios em que literatura e arte se relacionam.

A presente pesquisa comparatista, focada na obra de Nassar não busca estabelecer entre as duas linguagens uma relação causal, mas definir de que maneira e em que nível elas dialogam em Lavoura Arcaica, revelando os mecanismos usados pelo autor para estabelecer essa interpenetração de áreas.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada nessa pesquisa é uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, com base na estética da recepção. A fórmula “um indivíduo, uma obra” estabelece entre leitor e texto uma interação muito particular. Por tratar-se de uma poética visual, essa perspectiva se amplia: enquanto o livro oferece a linguagem verbal escrita na forma de narrativa, parte do leitor o aspecto visual conferido à obra. O leitor recorre a sua experiência individual e a um repertório próprio para construir a narrativa no plano imaginário, o que singulariza cada nova leitura.

O embasamento em diferentes áreas (literatura comparada, semiótica, leitura de imagens) bem como as leituras de outras obras de Raduan Nassar permitiram uma análise de *Lavoura Arcaica* em diferentes planos, contribuindo para a multiplicidade de interpretações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na imaginação do leitor que começa sua incursão por *Lavoura Arcaica* revela-se uma das formas de relação entre literatura e artes visuais. A narrativa fragmentada e intimista tem como uma de suas principais características a visualidade, que se dá no plano imaginário.

A imagem mental corresponde à impressão que temos quando, por exemplo, lemos ou ouvimos a descrição de um lugar, de *vê-lo* quase como se estivéssemos lá. Uma representação mental é elaborada de maneira quase alucinatória, e parece tomar emprestadas as características da visão. *Vê-se*. (JOLY, 2003, pg. 19)

O texto de *Lavoura Arcaica* usa de constante referência ao orgânico como elemento descritivo e conduz a construção mental de imagens, com uma narrativa provida de um detalhamento minucioso.

O plano imaginário é reforçado pela experiência sinestésica, sugerida pela descrição. Por meio do apelo aos outros sentidos, além da visão, Nassar possibilita uma forma mais intensa de percepção do texto e criam-se cenas compostas por texturas, cheiros, cores e impressões. Além de sugerir aspectos formais para a formação de imagens, o texto busca traduzir sensações. Exemplo disso é o trecho em que André, personagem principal e narrador, descreve a criação dada por sua mãe à ele e aos irmãos:

A mãe não gerou só os filhos quando povoou a casa, fomos embebedos no mais fino caldo dos nossos pomares, enrolados em mel transparente de abelhas verdadeiras, e, entre tantos aromas esfregados em nossas peles, fomos entorpecidos pelo mazar suave das laranjeiras. (NASSAR, 1975, pg. 129)

Nesse trecho, André atribui aos elementos citados, características que intensificam seu sentido no texto. A transparência do mel e a suavidade do mazar das laranjeiras demonstram como o texto dirige o leitor a uma percepção mais completa do que a puramente visual.

Outro dos elementos mais recorrentes na obra de Nassar para realçar a visualidade é o uso de metáforas. Esse pode ser um procedimento de expressão “extremamente rico, inesperado, criativo e até cognitivo, quando a comparação de dois termos (explícita ou implícita) solicita a imaginação e a descoberta de pontos comuns insuspeitados entre eles.” (JOLY, 2003, pg. 22)

Na obra de Nassar a linguagem descritiva utilizada no curso do texto, não fornece uma imagem estática, simplesmente. As metáforas que ajudam a descrever e definir objetos, pessoas, lugares e estados de espírito, logo que se formam, se transformam. A rapidez do fluxo de pensamento que dita o ritmo da narrativa leva o leitor a projetar e metamorfosear imagens. Isso pode ser visto no trecho a seguir que descreve uma cena de choro, onde a imagem de um fruto pingando mel se converte em olhos marejados por lágrimas: “estava por romper-se o fruto que me crescia na garganta, e não era um fruto qualquer, era um figo pingando em grossas gotas o mel que me entupia os pulmões e já me subia soberbamente aos olhos”. (NASSAR, 1975, pg. 37)

Dessa forma, a linguagem verbal da literatura orienta a formação de imagens que constituem sua percepção visual e não-verbal. Em contraposição, a abordagem de materiais e técnicas da arte como estratégia descritiva, mostra um emprego direto das artes visuais na criação literária. Em *Lavoura Arcaica*, objetos da arte são tomados como elementos significantes na descrição. Os materiais, assim como os objetos, contribuem para o sentido do texto, compreensão e interpretação da obra. Um exemplo é a descrição de alguns objetos da casa de André:

Um couro de cabrito ao pé da cama, e uma louça ingênua adornando a sala, e uma Santa Ceia na parede, e as capas brancas escondendo o encosto das cadeiras de palhinha, e um cabide de chapéus feito de curvas, e um antigo porta-retrato, e uma fotografia castanha, nupcial, trazendo como fundo um cenário irreal, e puxaria ainda muitos outros fragmentos, miúdos, poderosos, que conservo no mesmo fosso como guardião zeloso das coisas da família. (NASSAR, 1975, pg. 63)

Nesse fragmento de *Lavoura Arcaica* cita-se “A Última Ceia” de Leonardo da Vinci e uma fotografia como elementos que caracterizam os personagens, a família. Os objetos da arte passam a fazer parte do significado do texto. A obra faz referência direta ainda ao barro da cerâmica, o gesso e a madeira da escultura, à textura na composição. Além de compor durante a narrativa, um novo quadro, quando André tenta descrever sua irmã num momento de encontro inesperado:

Ela estava ali agora diante de mim, de pé ali na entrada, branco, branco o rosto branco filtrando as cores antigas de emoções tão diferentes, compondo com a moldura da porta o quadro que ainda não sei onde penduro, se no corre-corre da vida, se na corrente da morte.” (NASSAR, 1975, pg. 98)

Nesse trecho do texto é flagrante o modo como Raduan Nassar se apropria de um objeto de arte – o quadro – para dar visualidade à cena. O leitor é quem compõe o quadro, de acordo com as suas referências, partindo de algumas informações básicas dadas pelo texto: a personagem Ana (sobre a qual já se tem uma imagem mental formada durante a leitura) com o rosto pálido, emoldurada

pela porta. Isso mostra o modo como o autor sugere uma configuração para a cena narrada e o leitor a constrói como imagem no plano imaginário a partir do próprio repertório visual.

4. CONCLUSÕES PARCIAIS

A pesquisa e análise de *Lavoura Arcaica* revelou uma relação de interpenetração entre artes visuais e literatura, manifesta por meio da visualidade da obra e emprego de técnicas, materiais e objetos da arte como recursos de descrição e significação no texto. Nesse caso, a relação entre as duas linguagens não é óbvia porque se constitui de mecanismos sutis impregnados na narrativa.

O diálogo criado entre texto e imagem mental na obra *Lavoura Arcaica* revela como pode ser válida a interpenetração entre diferentes áreas na contemporaneidade. Apesar das diferentes linguagens artísticas evoluírem para uma especificidade cada vez maior, sua relação possibilita a construção de obras mais plenas à percepção do leitor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNEL, Pierre; CHEVREL, Yves (org), *Compêndio da Literatura Comparada*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1998.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem.

NASSAR, Raduan. *Um copo de cólera*. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1978.

_____. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e artes plásticas: o künstlerroman na ficção contemporânea*. Ouro Preto: UFOP, 1993.